

(Des) Radicalizando o ódio: masculinidades nos grupos de extrema direita

RESENHA

Caíque Diogo de Oliveira

E-mail:

caique.diogo@outlook.com.br

Universidade Federal de São

Carlos, Sorocaba, São Paulo, Brasil

KIMMEL, Michael. **Healing from hate**: how young men get into- and out of – violent extremism. Oakland: University of California Press, 2018.

Criados em uma cultura de valorização da honra, eles usam da violência para restaurar o poder perdido, encontrando em grupos de disseminação do ódio uma forma de lidar com as tensões da atualidade e um meio de construir uma comunidade onde possam se sentir pertencentes. Resultado de um mergulho no universo dos grupos de extrema direita, *Healing from hate* é, conforme apontado logo no prefácio da obra, uma continuação das discussões realizadas em *Angry White Men* (KIMMEL, 2017). Ambos os estudos investigam a construção social da masculinidade ante a ascensão da extrema direita no contexto neoliberal.

O autor desse estudo é Michael Kimmel, sociólogo americano, professor na Universidade Stony Brooks e autor de diversos livros sobre gênero e masculinidades. A tradução desse autor no Brasil ainda está restrita a um artigo publicado no fim da década de 1990 (KIMMEL, 1998). Os trabalhos do autor partem de uma perspectiva crítica das masculinidades, e debatem temas caros ao campo como privilégios, engajamento pró-feminismo, violência contra minorias.

Na obra anterior intitulada “*Angry White Men*” o autor questiona como os homens brancos americanos, mesmo estando entre os seres mais privilegiados da Terra, encontram-se raivosos e sentindo que seus “direitos” estão sendo lesados por uma sociedade que tem cada vez mais os emasculado e concedido muitos direitos a grupos historicamente desfavorecidos como as mulheres, os/as negros/negras, os/as LGBTQ+ e os/as imigrantes. Então, o autor argumenta que essa raiva pode ser compreendida como um senso de direito lesado, sintomático para a compreensão do comportamento do homem branco americano nos fins da sua hegemonia cultural. (KIMMEL, 2017).

No projeto de pesquisa que culminou na produção de *Healing from hate*, o autor entrevistou mais de setenta ex-integrantes de grupos de extrema direita que participam de grupos de apoio para auxiliar membros ativos de grupos radicais a se desradicalizar com segurança. Três desses grupos estão localizados na Europa, sendo o EXIT na Alemanha e na Suécia e o “*Quilliam Foundation*” no Reino Unido, e um nos Estados Unidos chamado “*Life after hate*”. De maneira geral, o estudo procura investigar como os jovens ingressam, experimentam e deixam grupos de extrema direita. O livro concede a cada capítulo da obra, a discussão dos resultados obtidos em cada país.

Inicialmente, Kimmel aponta como o gênero é invisível nos debates sobre grupos terroristas. Ainda que as mulheres, participem desses grupos, na maioria das vezes elas são sub-representadas. O autor destaca que entrar para grupos

radicais significa participar intimamente de um fenômeno global onde se constroem comunidades e solidariedades. Isso aparece como um aspecto atrativo, especialmente para os garotos que possuem dificuldades de interação social para se inserir em grupos de pares.

Olhando para o caso alemão, o autor aponta que, apesar dos diversos espaços que propiciam o fomento da memória sobre o que significou o Holocausto, em alguns lugares o nazismo se mantém oculto, mas vivo. Devido as mudanças de ordem demográfica, os judeus passaram a ocupar um menor espaço na sociedade alemã atual, e houve um crescimento da imigração muçulmana, de modo que os neonazistas têm voltado seus discursos de ódio a essa “nova” minoria. Apesar do discurso de ódio a determinadas frações da população, parte dos movimentos de extrema direita afirmavam aos membros que o movimento deve prezar por um posicionamento “apolítico”. Segundo o autor, à medida que políticos que identificados com a ideologia da extrema direita assumem o poder executivo de algumas nações, ocorrem diversos conflitos no âmbito dos grupos que disputam o prestígio no campo da direita.

Na pesquisa realizada na Suécia o autor aprofunda suas análises sobre os perfis de garotos que ingressam nos grupos radicais de extrema direita. Dois perfis emergem nesse momento: o primeiro é o garoto que sofre *bullying* no colégio, tem dificuldade de interação social e assume uma posição ressentida com a vida, encontrando nos grupos um lugar “seguro” para compartilhar o ódio. Já o segundo perfil refere-se aos garotos violentadores, que bebem em excesso e possuem algum vício em jogos de violência, nesse caso, para esse segundo perfil, ingressar em um grupo radical é encontrar um lugar para expressar poder junto de outros garotos, isto é, demonstrar virilidade na arena da homosociabilidade. Segundo Kimmel, esses grupos possuem valores rígidos em relação ao que significa ser homem. Há um apelo ao tradicionalismo e uma divisão que estabelece hierarquias intergênero, no qual esses garotos entendem que as mulheres, mesmo as colegas do grupo, são incapazes de fazer o que eles fazem; uma divisão intragênero, entendendo que existem mulheres para se “divertir” e mulheres para construir família no futuro.

Ao entrevistar os membros do grupo de apoio americano “*Life after hate*” o autor aponta que os meninos americanos se sentem espremidos por uma sociedade que demanda consumo como forma de afirmação social, e ao mesmo tempo, essa sociedade tem concentrado renda e oferecido poucos empregos à jovens. Em alguma medida, isso envolve o fato de que as gerações atuais têm enfrentado dificuldades para obter o sucesso “via trabalho” obtidos por seus pais e avôs. Na tentativa de encontrar culpados para sua situação, os garotos atribuem algumas representações aos homens imigrantes e judeus como menos masculinos [*hipomaculine*] e os homens nascidos americanos, descendentes dos “pais fundadores da América, sendo representados como mais masculinos [*hypermaculine*]. Nesse sentido, associar-se e lutar pela hegemonia da extrema direita significa restaurar a masculinidade “perdida” nessa sociedade multicultural.

Esse conflito entre homens imigrantes e homens nascidos na América possibilita uma reflexão sobre os conflitos entre masculinidades hegemônicas e subalternas (KIMMEL, 1998; CONNELL, 2016). Ainda que o autor não discuta esse conceito, haja vista que ele necessita de um aprofundamento empírico e teórico (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), os achados da pesquisa de campo que aparecem na obra deixam essa possibilidade aberta para pesquisas futuras.

No Reino Unido o autor entrevistou ex-jihadistas e islâmicos radicais. Nesse capítulo, destaque para a relação entre a religião e os grupos radicais, tendo em vista um senso de masculinidade dominadora perpassa essa relação. Entre as especificidades apontadas entre os radicais muçulmanos, destaque para o engajamento de protesto a partir de músicas de rap. Além disso, conforme aponta o autor, as garotas, mesmo ausentes nesses grupos, estão presentes na experiência dos garotos nos grupos extremistas jihadistas e islâmicos, haja vista que decidir explodir-se em busca de virgens no paraíso passa por questões de gênero, precisando ser vistas enquanto tal.

A interação dos garotos é atravessada pela tentativa de formação de laços entre eles e, ao mesmo tempo, precisam provar sua masculinidade na arena da homosociabilidade suprimindo as demonstrações de ternura. Sob esse aspecto, a tese central da obra é que as relações de gênero entre os rapazes devem ser observadas concomitantemente a ideologia. As festas, as brigas, as companhias para sair, fazem com que os garotos ingressem e, muitas vezes, se mantenham nesses grupos. A ideologia é apreendida no cotidiano do grupo, funcionando como uma cola que vai unindo os garotos.

Sair dos grupos é uma tarefa difícil e requer estratégias que devem ser realizadas com suportes para se efetivar. Considerando que ações podem ser tomadas no sentido de desradicalizar os integrantes desses grupos, a partir das conversas com os ex-membros, o autor apresenta três caminhos nos quais os garotos podem sair desses grupos: (i) a ocorrência de eventos externos nos quais os garotos são confrontados com seu senso ético e percebem que os grupos e a ideologia já não servem mais aquele momento da vida (ii) a ocorrência de um momento catártico no qual os garotos percebem aquilo que a ideologia está levando a fazer e passam a se envergonhar daquilo que estão fazendo; e (iii) relacionamentos afetivos que podem fazer com que os garotos deixem os grupos.

Diante de uma ascensão da extrema direita em diversos países tanto no sul quanto no norte global, *Healing from hate* contribui com uma forma de problematização mais ampla em relação aos movimentos neofacistas contemporâneos. Essa obra também é recomendada para aqueles e aquelas que investigam o engajamento, especialmente de jovens, em ações coletivas, no cyberativismo e até mesmo as culturas juvenis na atualidade.

Portanto, a questão central do livro possibilita problematizar as masculinidades nesse contexto histórico, político, social e cultural, indo ao encontro da concepção de gênero proposta por Raewyn Connell quando aponta que "O gênero, pode-se dizer, é especificamente uma questão de corporificação social. Tecnicamente, o gênero pode ser definido como a estrutura de práticas reflexivas do corpo por meio das quais corpos sexuais são posicionados na história" (CONNELL, 2016, p.17). Desse modo, a participação masculina na (re)aparição de grupos da extrema direita não ocorre fortuitamente. Para Wendy Brown (2019) o neoliberalismo e o neoconservadorismo são fenômenos que aparecem na contemporaneidade em premissas como "Deus, família, nação e livre iniciativa", subjacente a esse movimento, a autora identifica um ressentimento masculino e branco mobilizado diante das mudanças promovidas pelas políticas sociais direcionadas aos grupos historicamente desfavorecidos. Tais demonstrações de ódio e ressentimento também podem ser observadas em solo brasileiro (GALLEGO, 2018; KEHL, 2020)

Ao passar por todas as histórias desses homens, o autor nos conduz por um caminho de não essencialização do gênero. O olhar do autor passa por um crivo otimista, fundamentado na crença de que esses homens podem ser curados do ódio. Na esteira dessa possibilidade, a obra pode dialogar tanto com o texto de bell hooks (2004), quando aponta a incapacidade masculina de amar e criar conexões - especialmente com mulheres - em uma cultural patriarcal, quanto com uma obra anterior do próprio Michael Kimmel escrita junto com Michael Kaufman (KAUFMAN; KIMMEL, 2011) na qual os autores oferecem um guia para que os meninos reconheçam seus privilégios e sejam aliados da luta pró-feminismo, que, segundo os autores, também é benéfica para os homens.

REFERÊNCIAS

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.

CONNELL, Raewyn; MESSERCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.21, p.241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>. Acesso em 21 set. 2020

GALLEGO, Ester Solano (org.). **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018.

HOOKS, Bell. **The Will to change**: mens, masculinities and love. New York: Washington Square Press, 2004.

KAUFMAN, Michael; KIMMEL, Michael. **The guys's guide to feminism**. California: Seal Press, 2011.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. 3ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 9, p. 103-117, out. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>. Acesso em 21 set. 2020

KIMMEL, Michael. **Angry white men**: masculinity in the end of the era. New York: Bold Type Books, 2017.

Recebido: 26/09/2020.

Aprovado: 16/02/2021.

DOI: 10.3895/cgt.v14n44.13238.

Como citar: OLIVEIRA, Caíque Diogo de. (Des)Radicalizando o ódio: masculinidades nos grupos de extrema direita. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 599-602, jul./dez. 2021.. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Caíque Diogo de Oliveira

Rua Bernardo Mascarenhas Martins, 446, Cajuru, Sorocaba, São Paulo, Brasil

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

